

O documentário como registro do modo de vida tradicional na orla do rio negro, em Manaus¹

Emerson dos Anjos BENEVIDES²
Sarah Hammayne Couceiro PIMENTEL³
Edilene MAFRA Mendes de Oliveira⁴

Centro Universitário do Norte – Uninorte Laureate, Manaus, AM

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar resultados do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a utilização do documentário com o intuito de contribuir para o registro do modo de vida tradicional do Amazonas, na orla do rio negro, em Manaus. Por meio de uma Pesquisa Experimental, teve-se o intuito de investigar a relação entre homem e natureza, além da forma como o próprio caboclo se vê em meio ao seu habitat natural. A proposta deste trabalho é sugerir o uso do documentário no auxílio de pesquisas no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Ribeirinhos; Modo de vida; Comunidades Tradicionais; Caminho das Águas.

Introdução

Este artigo é parte do trabalho de conclusão de curso apresentado em 2015 do qual se buscou entender a relação do caboclo ribeirinho com a cidade de Manaus, bem como as influências, oportunidades e problemas decorrentes do vasto crescimento da capital amazonense. Além disso, propôs a utilização do documentário como forma de registro visual do modo de vida tradicional do Amazonas, em virtude da possibilidade da extinção deste.

A formação do povoamento da Amazônia é composta pelas características culturais, sociais, histórica, econômica e a interação com os migrantes da região oriundos do nordeste e a crise da borracha, resultando no surgimento dos primeiros ribeirinhos do Estado. É importante ressaltar a influência do rio no dia a dia dessas pessoas, bem como o conhecimento das questões

¹ Trabalho submetido ao Intercom Junior 2016, na Categoria IJ 04 – Comunicação Audiovisual.

² Bacharel em Rádio, TV e Internet pelo Centro Universitário do Norte – Uninorte Laureate, no ano de 2015. E-mail: benevides@outlook.com.br

³ Bacharel em Rádio, TV e Internet pelo Centro Universitário do Norte – Uninorte Laureate, no ano de 2015. E-mail: sarah.hc.pimentel@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Rádio, TV e Internet do Centro Universitário do Norte – Uninorte Laureate. Email: edilene.mafra@gmail.com

naturais e peculiares ao Amazonas. O crescimento populacional da cidade de Manaus causa consequências desse aumento desordenado na identidade do povo ribeirinho. Dessa forma, o ribeirinho passa a não habitar apenas as florestas e municípios afastados, mas se apropria da cidade, onde a orla do rio é presente. Mostrando que o ribeirinho se faz forte às dificuldades e, assim, se reconstruindo e se adaptando aos novos locais onde passa a ocupar. E ainda sim, sendo fiel ao rio que se faz presente no cotidiano.

O documentário é útil para visualizar a situação do ribeirinho em meio ao crescimento da cidade de Manaus, a perda de seu habitat natural para o espaço urbano, e as consequências dessa mudança na vida desses povos, bem como ajuda a compreender o papel deste registro visual. Convida a uma imersão no universo que tange o ribeirinho e as dificuldades que eles enfrentam no seu cotidiano. Uma realidade que está tão perto da zona urbana, mas que ainda há certo distanciamento por parte da sociedade, mesmo sendo um modo de vida típico do Amazonas.

O uso da ferramenta audiovisual por parte dos próprios grupos tradicionais gera uma identidade diferenciada no que diz respeito aos documentários na Amazônia, uma forma de auto-etnografia. Traz a possibilidade de integração dessas comunidades tradicionais e possibilita a autoafirmação em meio à sociedade. Tendo em vista que o nosso território abrange diversas realidades dentro de um mesmo Estado.

Assim, podemos dizer que a Amazônia esteve ligada a momentos importantes do documentário brasileiro, particularmente daqueles de cunho antropológico, desde os pioneiros do cinema silencioso, Silvino Santos e Luiz Thomas Reis, passando pelos filmes documentários de denúncia no período da ditadura militar, até chegar ao modelo militante do Vídeo nas Aldeias. (GONÇALVES, 2012, p. 92)

Ou seja, desde décadas passadas, nas quais o cinema tentava se desenvolver, o documentário existiu como forma de registro e crítica da vida na região amazônica. O presente relato enxerga, nesta perspectiva, que pode continuar a preservar, por meio do documentário, o modo de vida ribeirinho, em Manaus. São inúmeras as características e os pontos positivos da realização de filmes etnográficos e sua contribuição para o campo das ciências humanas. A etnografia por meio da imagem torna concreta a existência e a presença do outro, bem como seu modo vida.

O Amazonas e a construção de sua identidade cultural

O Amazonas, devido a sua dimensão, abriga uma variedade de costumes, religiões e etnias. A pluralidade deste território abrange grupos tradicionais, tais como: índios,

seringueiros, remanescentes de quilombos, ribeirinhos, pescadores artesanais, e etc. (Veiga; Ehlers, 2003).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentados no anuário estatístico dos censos de 1872 e 1890, a composição étnica da população amazônica era formada da seguinte maneira:

Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 1872 e 1890									
Província/ Estados	Branços	%	Pretos	%	Caboclos	%	Pardos/ Mestiços	%	Total
Pará – 1872	92.644	33,66	32.698	11,88	44.588	16,20	105.307	38,26	275.237
Amazonas – 1872	11.211	19,46	1.941	3,37	36.830	63,93	7.628	13,24	57.610
Amazônia – 1872	103.855	53,12	34.639	15,25	81.418	80,13	112.935	51,50	332.847
Pará – 1890	128.787	39,21	22.203	6,76	65.494	19,94	111.970	34,09	328.454
Amazonas – 1890	41.889	28,32	4.481	3,03	71.561	48,38	29.982	20,27	147.913
Amazônia – 1890	170.676	67,53	26.684	9,79	137.055	68,32	141.952	54,36	476.367

Quadro 1: Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - 1872 e 1890.

É notório o crescimento populacional resultante do relacionamento dos povos primitivos da Amazônia e seus colonizadores. Durante muito tempo, essas pessoas viveram nas florestas, em grupos isolados e acabaram criando uma relação de convívio em comunidade.

Os caboclos dispõem de um conjunto de estratégias adaptadas tanto ao ambiente físico dos trópicos, como ao “tradicional isolamento” de uma região com precárias condições de transportes (Moran, 1974). Eles ganham a vida com uma variedade de atividades de subsistência (Moran, 1977) como agricultura manual, caça, pesca e coleta (Wagley, 1988). Frequentemente, possuem um profundo conhecimento acerca dos recursos naturais e seu uso sustentado (Anderson, 1990). (FRAXE, 2004, p. 109)

As situações históricas que culminaram na formação de diferentes ciclos históricos na Amazônia criaram espaços para o desenvolvimento dessas miscigenações culturais que foram se adaptando às condições onde viviam. Arruda (2000) atribui a esse grupo o título de “povos tradicionais”:

Apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltados principalmente para a subsistência, com fraca articulação com o mercado, baseado em uso intensivo de mão de obra familiar, tecnologias de baixo impacto, derivadas de conhecimentos patrimoniais e, normalmente de base sustentável. Estas populações - caiçaras, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas e outras variantes - em geral ocupam a região há muito tempo e não têm registro legal de propriedade privada individual da terra, definindo apenas o local de moradia como parcela individual, sendo o restante do território encarado como área de utilização comunitária, com

seu uso regulamentado pelo costume e por normas compartilhadas internamente. (ARRUDA, 2000, p. 274)

Diante desta definição, destacamos a herança dessas populações que integraram os seus modos de vida ao meio ambiente e desenvolveram habilidades e conhecimentos sobre recursos naturais. Dentro deste grupo, existem aqueles que sobreviveram as transformações sociais, econômicas e estruturais e se mantem, até então, presentes na configuração social e territorial da cidade de Manaus: os ribeirinhos.

Os ribeirinhos em questão estão incluídos dentro da noção que Williams (1992) desenvolve sobre as “culturas populares”. Eles construíram um modo de vida integrado pela agricultura e extrativismo vegetal ou animal, vivendo em função de produtos da floresta, dos rios e das terras molhadas da várzea amazônica. (FRAXE, 2004, p. 20)

Fraxe (2004) define que as manifestações das práticas culturais do mundo ribeirinho espraiam-se pelo mundo urbano, assim como aquela é receptora das contribuições das práticas culturais urbanas. Interpenetram-se, embora o *habitus* estruturado de cada uma seja relativamente distinto.

Estes grupos tradicionais carregam consigo conhecimentos criados coletivamente e que são passados a cada nova geração (SANTILLI, 2005). Contudo, estes grupos são afetados por atividades econômicas que muitas vezes não levam em consideração a existência destas comunidades tradicionais, abusando de atividades extrativistas e que não incluem o modo de vida destas pessoas (VEIGA; EHLERS, 2003).

O local onde o ribeirinho habita deixa de ser apenas em meio à natureza e ele passa a ocupar o meio urbano, onde a presença da orla do rio é existente. É necessário entender as diferentes apropriações das localidades, onde podemos perceber a adaptação deste modo de vida a novos ambientes geográficos.

Na medida em que são criados meios de sobrevivências e de expressão desse viver, tem-se a condição da reprodução social, integrada na relação imediata cidade-rio, sociedade-natureza. É por meio da produção do espaço que são edificadas as paisagens do modo de vida ribeirinho, pois é na relação dialética entre forma e conteúdo (Santos, 2004) que se encontram os fragmentos da vida ribeirinha no contexto urbano amazônico, muitas vezes invisibilizados na expansão deste ritmo, que ora oprime e exclui e, ao mesmo tempo, articula-se e aproxima-se através de objetos e ações construídos historicamente pelo homem amazônico (TRINDADE JR. *apud* SOUZA, 2009, p. 175)

A fim de preservar estes conhecimentos, é necessário que se busque observar o ambiente no qual os ribeirinhos sobrevivem, em um ambiente urbano, como a cidade

Manaus, ou seja, entender a relação do ribeirinho na zona urbana, como se mantém, seus costumes, sua relação com a sociedade e os outros modos de vida.

Porém, entender a espacialidade ribeirinha amazônica é ir além das margens fluviais, ou seja, a vida ribeirinha não se desenvolve e não se reproduz somente numa fração espacial relacionada às margens ou às beiras dos rios. Ter como critério de localização a vivência ribeirinha é tomá-la como estática inerte à cotidianidade. Nesse sentido, é necessário refletir as formas de apropriação e a reprodução deste modo de vida que se encontra em muitas cidades amazônicas. (SOUZA, 2009, p. 174)

Foi através dos indígenas que essas populações puderam associar ao seu modo de vida, hábitos sustentáveis, uma cultura ecológica milenar de integração com o meio ambiente. A partir daí, cabe ressaltar a interferência humana no contexto cultural do processo de desenvolvimento de uma relação sustentável entre os povos que habitam essas regiões e o meio onde vivem.

Apesar de existirem diferenças culturais entre os povos que se encaixam na definição de povos tradicionais, o contexto que se destaca e eleva a identidade desses povos, é a integração dos modos de vida existentes com a natureza, que desenvolvem uma cultura tradicional colaborando e perpetuando uma prática de manejo que sustente o meio ambiente, dando destaque neste capítulo a comunidade ribeirinha, que ainda sobrevive a grandes impactos causados pela globalização e urbanização da capital.

Os costumes, crenças, atividades e colaborações serão apresentados no tópico a seguir. O destaque a essa comunidade é um reflexo da importância dessa população para o estado, bem como a ocupação e representação cultural desses para a sociedade que os cerca.

Cotidiano amazônico: um panorama do modo de vida ribeirinho

O cotidiano é o exercício do fazer, do existir. No caso dos ribeirinhos, é aprimorar o modo de vida, adaptar-se a realidade compartilhada com a natureza, é construir vias alternativas de sobrevivência, manter tradições, costumes, crenças e compartilhá-las com as novas gerações que neste ambiente vão surgindo. Desde a construção do espaço do ribeirinho, o cotidiano tornou-se a concepção de uma nova identidade, que misturou raças, línguas, rotinas e regras de convivência coletiva entre pessoas que nada compartilhavam de comum e fazer disso a moradia ideal, que muito tempo depois se tornou à identidade de um estado.

Ao entrarmos em contato com o dia a dia de uma comunidade ribeirinha no Amazonas, por exemplo, poderemos descobrir o quanto as ações ali desenvolvidas pelos agentes sociais dessa trama, se constituem enquanto

um conhecimento produzido a cerca das diferentes formas de perceber e construir a vida, mas esse nem sempre é um conhecimento que ganha o devido valor, adquirindo na maioria das vezes status de insignificante. Um “insignificante” que nos revela as identidades desse povo, desse lugar. (VICTORIA, 2012, p. 4)

Os camponeses amazônicos desenvolvem suas atividades na terra, na floresta e na água (WITKOSKI, 2007). O rio apresenta-se como o condutor do cotidiano, o senhor do tempo que emerge das pulsações da vida, das lágrimas que geram caminhos incertos no encontro com a humanidade presente às suas margens (VICTORIA, 2012). Neste contexto, o rio torna-se o principal instrumento representativo da natureza no cotidiano do ribeirinho. É parte essencial do dia a dia, pois é uma ligação que perpetua desde o povoamento da Amazônia, faz parte de uma cultura com relações profundas com a natureza. Não é meramente um espaço físico, móvel, mutante, mas lugar de seu trabalho, de sua sobrevivência, e sobre qual dispõem de grandes conhecimentos acumulados (FRAXE, 2004).

Para Fraxe (2004), a dinâmica do cotidiano do ribeirinho está dividida em quatro etapas: enchente, cheia, vazante e seca. O gráfico a seguir, elaborado pela Agência Nacional de Águas (ANA), mostra o acompanhamento dos níveis do rio negro entre 1902 e 2013 e servirá de base para detalharmos as atividades ribeirinhas de acordo com o ciclo do rio.

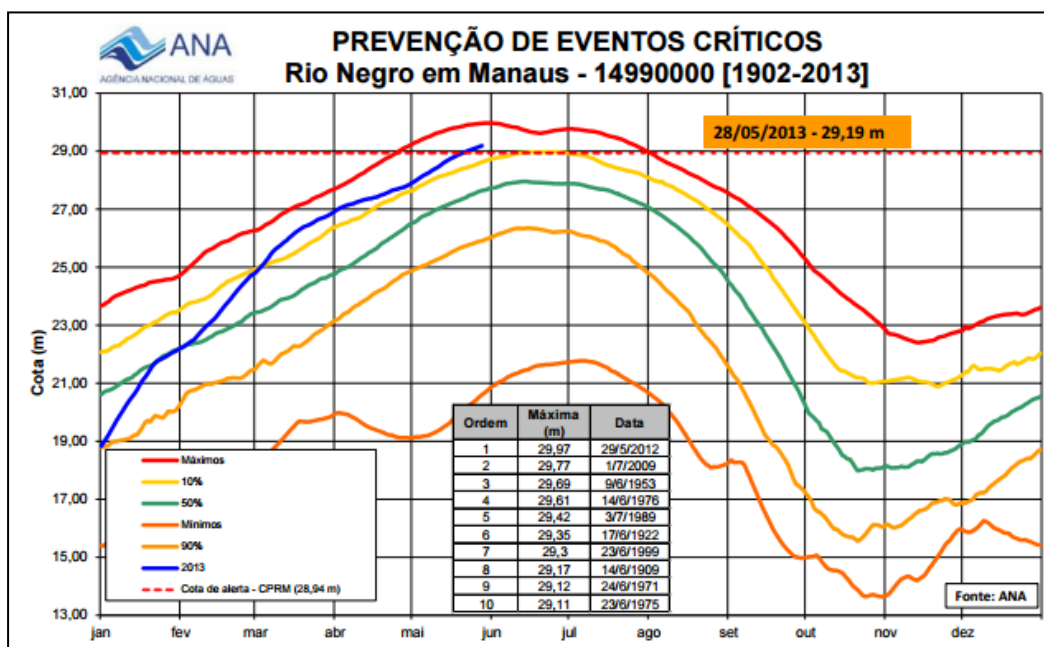


Figura 1: Ciclo do Rio Negro – 1902-2013: Prevenção de Eventos Críticos. Agência Nacional de Águas.⁵

⁵ Prevenção de Eventos Críticos. Agência Nacional de Águas. Disponível em http://arquivos.ana.gov.br/imprensa/noticias/20130606_20130606%20Nivel%20do%20rio%20Negro.pdf

Como podemos ver no gráfico acima, o ciclo do rio varia durante o ano, e essa mudança afeta diretamente o cotidiano do ribeirinho. A execução dos trabalhos é realizada de acordo com a cheia ou a vazante, a partir de então, o ribeirinho define suas atividades e se prepara para os ciclos seguintes.

Adaptando-se à dinâmica desse ambiente, aparentemente devastador para um observador externo, os camponeses amazônicos desenvolvem suas culturas agrícolas, tendo em suas mentes um mapa claro de sua propriedade e o alcance (altura) que, historicamente, as águas têm em sua unidade de produção; logo, sabendo exatamente onde se deve plantar isso ou aquilo, sempre adequando-se às condições topográficas do lugar onde se desenvolve sua vida. Respeitando a dinâmica do ciclo das águas e utilizando criativas estratégias agrícolas, os camponeses amazônicos adaptam-se, agindo sobre o meio que os envolve. (WITKOSKI, 2007, p. 205)

O trabalho na agricultura está quase presente em sua totalidade entre as famílias ribeirinhas.

No período da cheia é necessário que esses plantios sejam efetivados em jiraus. Esses jiraus são construídos pelos caboclos-ribeirinhos. Nesse período, a colheita e os tratos culturais são realizados pelos homens e mulheres, as crianças não podem trabalhar nos jiraus por não alcançarem. (FRAXE, 2004, p. 116)

Cumprindo o calendário de trabalho agrícola, os ribeirinhos iniciam o preparo da parcela da terra para o plantio (WITKOSKI, 2007). Do início de maio, em virtude do início da vazante, até o final de julho, o ribeirinho passa a iniciar o plantio, explorar recursos e realizar as primeiras pescas.

Com a chegada da seca, entre agosto e novembro, o ribeirinho passa a extrair os frutos dos recursos naturais para o próprio consumo, e iniciar o período da pesca, já que com a seca, a época do defeso passa e há certa facilidade para a prática. Apesar de conviver e compartilhar do meio em que vivem com a natureza, os ribeirinhos devem seguir também alguns cuidados que visam tanto à preservação da própria natureza, como para que os recursos naturais utilizados por eles não se acabem. Desse modo,

O nível das águas dos lagos – que se relaciona com o ciclo das águas em seu conjunto – e a mobilidade das populações de peixes colocam mais no período da seca do que no da cheia como condição imprescindível, a não-utilização de instrumentos de pesca considerados pelos camponeses como predatórios. Assim, a pesca nos lagos, ainda que tenham como intenção apropriar-se da ictiofauna, de acordo com as finalidades do ator que a pratica (objetivos de subsistência e/ou comercialização), não pode ir além dos limites que possui consequências perversas sobre a reprodução das espécies e o repovoamento da própria fauna aquática. (WITKOSKI, 2007, p. 304)

Assim podemos definir as atividades dos ribeirinhos, baseados nos ciclos dos rios, divididos em: agricultura, pesca e extração de recursos naturais da floresta. A cultura rural do ribeirinho é aceita como a mais representativa da cultura amazônica. E, apesar de seus traços de originalidade e criatividade, onde se manifestam as características decorrentes do reflexo das produções de caráter imaterial e simbólico, a cultura ribeirinha pode deixar de ser manifestar em nossos dias.

Os ribeirinhos, pertencentes ao grupo denominado “povos tradicionais”, apresentam um modo de vida integralmente ligado à boa convivência com o meio ambiente, devido às atitudes sustentáveis, bem como com seus vizinhos. Além disso, sobrevivem dos recursos naturais e, mesmo que os utilizem comercialmente, seus pensamentos sempre estarão voltados em prol da boa cultivação do espaço em que vivem.

Essa cultura de sobrevivência perpetuou durante anos até a realidade em que vivemos. A utilização do meio ambiente em todos os seus âmbitos ressalta sua configuração dentro do que são denominados “povos tradicionais”.

O documentário como registro do cotidiano

O cinema faz parte da construção da identidade cultural de uma sociedade. Dessa forma, a preservação e a divulgação cinematográfica são de extrema importância e direito de todos. Por meio do cinema podemos conhecer os costumes, a culinária, o modo de vida, dentre outros aspectos sociais.

O cinema é um espelho pelo qual os povos podem olhar, conhecer, criticar, espelhar ou refazer os caminhos de sua história e de sua cultura. Assim, o direito à preservação da imagem cinematográfica deveria fazer parte de qualquer processo de formação de cidadania e de espírito democrático. (ANDRADE; REIMÃO, 2006, p.108)

Desta maneira, a presente pesquisa propõe por meio do documentário, contribuir não só para a construção da identidade cultural e da formação cidadã, como também auxiliar na representatividade de um modo de vida que não é conhecido por muitas pessoas da cidade de Manaus e demais Estados do Brasil.

O documentário é uma vertente do audiovisual que costuma trazer grandes conflitos quanto a sua classificação. É comum a classificação que opõe o documentário ao filme de ficção (DA-RIN, 2004), mas existe uma linha tênue que impede uma rotulação precisa. Para Godard, todo filme de ficção possui características documentais, assim como todo filme

documental possui cargas fictícias. Porém, podemos pensar estruturas para desenvolver o documentário (RAMOS, 2000) a partir da tomada existente pela presença de um sujeito que sustenta a câmera. Ou da construção desta imagem por uma máquina câmera, onde não há intenção da existência de um sujeito por trás da desta maquinária. E por último, a relação do espectador com o espaço onde a tomada está sendo produzida, assim, o olho do espectador funciona como a câmera que capta a ação.

É possível observar que o processo que envolve a produção de um documentário é dificultoso, assim como sua definição. É um formato que agrega muito mais nuances do que qualquer outro. É o formato mais instável por se tratar do registro de vidas comuns. “Essas questões adicionam ao documentário um nível de reflexão ética que é bem menos importante no cinema de ficção” (NICHOLS, 2005. p.32).

O uso da ferramenta audiovisual por parte dos próprios grupos tradicionais gera uma identidade diferenciada no que diz respeito aos documentários na Amazônia, uma forma de auto-etnografia. Traz a possibilidade de integração dessas comunidades tradicionais e possibilita a autoafirmação em meio à sociedade. Tendo em vista que o nosso território abrange diversas realidades dentro de um mesmo Estado.

Assim, podemos dizer que a Amazônia esteve ligada a momentos importantes do documentário brasileiro, particularmente daqueles de cunho antropológico, desde os pioneiros do cinema silencioso, Silvino Santos e Luiz Thomas Reis, passando pelos filmes documentários de denúncia no período da ditadura militar, até chegar ao modelo militante do Vídeo nas Aldeias. (GONÇALVES, 2012, p. 92)

A Amazônia presenciou também, uma vertente do documentário, onde o próprio indígena retratou a sua realidade, o projeto intitulado Vídeo nas Aldeias. Fase esta onde a preocupação era democratizar as ferramentas audiovisuais para o grupo indígena, além de contribuir com a reflexão sobre a causa indigenista.

De uma prática comprometida com a causa indigenista que resultava em documentários realizados juntamente com os grupos indígenas, o projeto passou a ser formador de cineastas indígenas, oferecendo instrumental técnico e de linguagem para que eles sejam os próprios condutores dos trabalhos, contando suas histórias do seu próprio ponto de vista. (GONÇALVES, 2012, p. 91)

Ou seja, desde décadas atrás, onde o cinema tentava se desenvolver, o documentário existiu como forma de registro e crítica da vida na região amazônica. E nesta perspectiva, essa pesquisa acredita que pode continuar a preservar a memória visual, por meio do documentário, também caracterizado como filme etnográfico, o modo de vida ribeirinho na orla do rio negro em Manaus.

O filme etnográfico por ser essencialmente descritivo serve como material de registro para outras áreas de estudo correlatadas, como a antropologia, sociologia e filosofia. Busca conhecer e entender sociedades por meio da vida social, costumes, religiões, economia e organização. E, muito além disso, o filme etnográfico é a experiência de campo e é a vivência do cineasta ao demonstrar a atenção ao material de vídeo e de áudio que não pode ser substituível ou manipulado (RIBEIRO, 2007).

Tanto o filme documentário, quanto o filme etnográfico possuem grande importância no que diz respeito à imagem e à preservação da memória. No entanto, o filme etnográfico traz uma forma bastante didática de se atribuir a relação entre a história e antropologia. De acordo com Ferraz (2014), o observado transmite suas próprias vivências a partir do registro etnográfico, sendo o narrador dessa realidade:

Refiro-me à imagem viva, posta em circulação na pesquisa etnográfica, estabelecendo relações entre diferentes contextos, e provando a emergência de memórias entre meus interlocutores, trabalhadores, mulheres, produtores de narrativas sobre suas experiências vivas. (FERRAZ, 2014, p. 575)

Através do registro etnográfico é possível observarmos a conversa entre a imagem e o tempo. Onde por meio deste processo podemos congelar aquela realidade e a experiência de determinados grupos, bem como faz com que reflitamos a respeito de sua existência e cria a possibilidade de preservação histórica.

De acordo com Ferraz (2014), as pessoas quando entram em contato com as memórias passadas por meio da imagem acionam uma relação com outros tempos, fazendo com que haja a atualização de experiências passadas e está intimamente ligada à aprendizagem. “A memória atualiza imagens, formas que se fixam em instantes do tempo. A cristalização da materialidade do mundo possibilita pelos meios dados de produção de imagem abre uma passagem entre tempos e nos coloca questões que gostaria de aprofundar” (FERRAZ, 2014, p. 576). O filme etnográfico atua como ferramenta de apoio nas pesquisas antropológicas, já que permite ao pesquisador observar de maneira mais fiel a vivência do observado.

São inúmeras as características e os pontos positivos da realização de filmes etnográficos e sua contribuição para o campo das ciências humanas. A etnografia por meio da imagem torna concreta a existência e a presença do outro, bem como seu modo de vida.

Os ribeirinhos estão completamente conectados ao meio ambiente. Dele extraem os recursos necessários para a sobrevivência e para ele devolvem os agradecimentos em forma de cuidado. Entretanto, com o amplo crescimento populacional e econômico do Amazonas, é

necessário que mais projetos de preservação e divulgação da identidade dos povos tradicionais sejam fomentados para que possamos, além de perpetuar uma cultura, que tende a desaparecer por conta desses fenômenos, que ocorrem em decorrência da modernização e do planejamento urbano, seja efetivamente contemplada a preservação e divulgação da identidade ribeirinha, principalmente para a camada mais jovem da população que, por conta das grandes transformações que estão ocorrendo no estado, não conhecem ou nunca tiveram contato com as realidades do cotidiano amazônico do ribeirinho.

O trabalho de estudiosos do audiovisual etnográfico cumpre um papel fundamental no estudo e difusão dessas culturas, entretanto, com amplo crescimento econômico e estrutural da cidade, mais rapidamente o espaço natural vai se desfazendo e existe a necessidade, para além dos livros, do registro visual desses modos de vida.

Diante disto, vale ressaltar a importância do documentário etnográfico no registro e divulgação de um modo de vida tradicional, proporcionando a posterioridade material científico-visual sobre o que não poderá mais ser visto em decorrência das grandes transformações apresentadas neste artigo.

Métodos e técnicas utilizados

A metodologia desenvolveu-se em dois momentos: levantamento de informações por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas em campo para a construção do trabalho de pesquisa e a realização das etapas da produção de um documentário.

Desenvolver um trabalho de conclusão de curso sobre esta temática despertou o interesse de todos os envolvidos em aprofundar os estudos relacionados ao audiovisual e os campos das ciências sociais aplicadas. O contato com as bibliografias, de autores regionais, em sua maioria, modificou o olhar e a forma de tratar, entender e divulgar diferentes realidades, mesmo estando tão próximas a nossa.

O primeiro passo foi coletar dados sobre os ribeirinhos na orla da cidade de Manaus. Desta forma, adotou-se a metodologia de abordagem dialética (LAKATOS; MARCONI, 2003), já que entende que os processos estão em constante evolução. Além de utilizar as ferramentas de procedimento histórico (ANDRADE, 2001), para analisar os fenômenos decorrentes na vida do ribeirinho na orla de Manaus. Utilizou-se também a pesquisa de campo e as entrevistas, para ter uma maior proximidade com o objeto de estudo, por meio da técnica da observação não estruturada ou assistemática (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Apoiou-se também, na técnica da observação (LAKATOS; MARCONI, 2003) para observar o cotidiano do grupo tradicional em questão.

A técnica da observação não estruturada ou assistemática, também denominada espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 192)

Lakatos e Marconi (2003) explicam que a técnica de observação possui resultados favoráveis a partir do contato dos pesquisadores e sua atenção ao ambiente na qual o observado está inserido. Esta ferramenta contribuiu com a pesquisa, tendo em vista que o documentário busca captar situações que são únicas e esta ferramenta nos dá a possibilidade de trabalhar de forma a registrar essa instantaneidade.

O êxito da utilização dessa técnica vai depender do observador, de estar ele atento aos fenômenos que ocorrem no mundo que o cerca, de sua perspicácia, discernimento, preparo e treino, além de ter uma atitude de prontidão. Muitas vezes, há uma única oportunidade para estudar certo fenômeno; outras vezes, essas ocasiões são raras. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 193)

Para entender a relação do ribeirinho e a sociedade foi utilizado o método funcionalista já que este é um procedimento mais de interpretação (LAKATOS; MARCONI, 2003). Por fim, a Teoria Funcionalista com base em (COSTAS; MENDES, 2012), para incluir os estudos da comunicação na pesquisa, que defende o equilíbrio dos processos na sociedade.

O documentário ‘Caminho das Águas’

O documentário ‘Caminho das Águas’ tem duração de aproximadamente 11 minutos. O tempo foi preenchido com imagens de apoio que retratam a realidade dos ribeirinhos da orla do rio negro, em Manaus. O título foi escolhido durante o processo de produção do documentário, por expressar de forma poética os “caminhos” da vida que são baseadas no cotidiano dividido com o rio.

Na fase de execução do documentário foi utilizado o método de procedimento funcionalista. Este procedimento é uma ferramenta muito mais de interpretação do que de investigação (LAKATOS; MARCONI, 2003). Mostra-se coerente com a pesquisa, pois leva

em consideração a sociedade e o processo da formação da vida social, partindo do princípio de que para entender o processo é necessário estudar as funções de cada unidade.

Os personagens foram escolhidos logo após a coleta de dados realizada por meio da técnica da observação não estruturada ou assistemática (LAKATOS; MARCONI, 2003), conforme explanado no desenvolvimento da metodologia do projeto. Os critérios de seleção foram com base no envolvimento do personagem com a orla do rio negro, desenvoltura para contar suas experiências, autorização de veiculação de imagem e naturalidade em frente à câmera.

O objetivo era registrar o cotidiano sem afetar ou alterar de forma significativa a naturalidade do ambiente em questão. O documentário traz consigo a dúvida ética a respeito de como criar esta representação do real sem afetar a vida de quem está sendo objeto de observação. É necessário saber dosar este registro para que o mesmo não prejudique ou deturpe a ação captada pelo documentarista.

Assim, o cineasta deve mensurar sua abordagem no documentário a fim de preservar a ação e o personagem. Caso contrário, o durante o processo de filmagem, o comportamento do objeto de estudo pode ser alterado incorporando, no documentário, elementos fictícios.

É possível observar que o processo que envolve a produção de um documentário é difícil, assim como sua definição. É um formato que agrega muito mais nuances do que qualquer outro. É o formato mais instável por se tratar do registro de vidas comuns. “Essas questões adicionam ao documentário um nível de reflexão ética que é bem menos importante no cinema de ficção” (NICHOLS, 2005. p.32).

A montagem do documentário baseou-se em um guia de perguntas que visava entender a forma que o ribeirinho se via dentro daquela realidade. As diferenças no desempenho de suas atividades, o crescimento da cidade e seus impactos, e até mesmo se eles desejavam que futuras gerações de suas famílias continuassem a viver e depender do rio. Além disso, o ribeirinho teve a oportunidade de expressar seu posicionamento quanto ao uso do documentário como forma de eternizar (visualmente) e divulgar o modo de vida deles. As perguntas serviram de guia para a entrevista com os personagens, entretanto, com o decorrer da conversa, novas perguntas foram surgindo. Cada personagem pôde falar sobre seu modo de vida, suas angústias, anseios e conquistas de forma livre.

Considerações

A presente pesquisa teve como objetivo apontar o uso do documentário como registro dos ribeirinhos que vivem ou trabalham na orla da cidade de Manaus. Dentro desta perspectiva, buscou através da pesquisa de campo entender a relação do ribeirinho e os fenômenos decorrentes da urbanização de Manaus. Detectando que sim, o modo de vida dessas pessoas se alterou com a urbanização, fazendo com que muitos reclamem da violência e do descaso com o grupo tradicional e suas atividades. Percebeu-se também, que existe um saudosismo com relação à fartura de décadas atrás, algo que pra eles é atribuído à ausência de leis que proibisse a pesca, a caça e a comercialização de vários animais.

Ao longo da observação do objeto de estudo, notou-se que há divergências com relação ao futuro da atividade na orla do rio negro, em Manaus. Parte dos entrevistados prefere que as gerações seguintes de sua família não exerçam nenhuma atividade voltada ao rio.

Outro ponto relevante, descoberto em campo, é que alguns ribeirinhos buscam a saída da orla de Manaus, para que possam regressar ao interior do Estado. Já outros, não voltariam a viver nos municípios de origem, por temerem as dificuldades de sustento.

No que tange a questão da representatividade do ribeirinho por meio do documentário, muitos dos entrevistados acreditam que é relevante o registro do modo de vida no qual vivem, já que parte da população não entende e não conhece a vida do ribeirinho da orla da cidade.

Por isso, concluímos que objetivo da pesquisa foi atingido, bem como foi possível construir uma Antropologia Compartilhada (ROUCH, 1978), tendo em vista que houve uma interação muito próxima com o objeto e o pesquisador, onde por vezes, foram trocadas experiências entre ambos. Além de agregar valor ao estudo da realidade de parte da população oriunda do êxodo rural. Através do estudo concluiu-se que o documentário serve tanto para congelar a realidade de povos tradicionais, quanto como instrumento de empoderamento e inclusão dos ribeirinhos. Sendo, de fato, uma ferramenta valiosa na construção da identidade histórica/cultural do Estado.

Com relação às futuras pesquisas, acredita-se que este trabalho possa incentivar novos estudos que visem a entender antropológica e socialmente a interferência da urbanização em meio ao cenário rural. Ao mesmo tempo em que instiga a entender aprofundadamente os fenômenos que causam o êxodo rural no Amazonas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Antonio e REIMÃO, Sandra. **A transmissão de filmes brasileiros na TV aberta nacional (1980-2000)**. Universidade Metodista de São Paulo. Revista Comunicação & Sociedade 46. São Paulo. Vol. 28, no 46. 2006.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- ARRUDA, Rinaldo S. V. (2000). “**Populações tradicionais**” e a **proteção dos recursos naturais em unidades de conservação**. In: DIEGUES, Antônio Carlos (org.). Etnoconservação: Novos Rumos para a Proteção da Natureza nos Trópicos. São Paulo: NUPAUB, Hucitec.
- COSTA, Maria Ivanúcia e MENDES, Marcília Luiza. **Meios de Comunicação e Sociedade: Considerações sobre o Paradigma Funcionalista-Pragmático**. Natal: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, 2012.
- FERRAZ, Ana Lúcia Marques Camargo. **Uma heurística do filme etnográfico: em torno de imagem, rememoração e presença**. Revista Etnográfica. Portugal. 2014. Vol. 18 (3).
- FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.
- GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Território imaginado – Imagens da Amazônia no cinema**. Gustavo Soranz Gonçalves. / Manaus: Edições Muiraquitã, 2012.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.
- NAVI. **Núcleo de Antropologia Visual da UFAM**. Disponível em < <http://www.navi.ufam.edu.br/index.php/quem-somos>> Acesso em 28 de junho de 2015.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário** / Bill Nichols; tradução Mônica Saddy Martins. Campinas. Papyrus, 2005. Coleção Campo Imagético.
- RAMOS, Fernão Pessoa e CANTANI, Afrânio (orgs). **Estudos de Cinema SOCINE 2000**, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192/207.
- SANTILLI, Juliana. **Socioambientalismo e novos direitos: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2005.
- SOUZA, Jorge Alex de Almeida. **A Espacialidade de uma Amazônia Ribeirinha Face ao Urbano: o exemplo de São Domingos do Capim (PA) e o desenvolvimento do turismo**. Turismo em Análise. Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo – CRP da Escola de Comunicações e Artes - ECA da Universidade de São Paulo – USP. v.20, n.1, abril 2009.
- TOM DA AMAZÔNIA. **História da ocupação da Amazônia**. Disponível em < <http://www.tomdaamazonia.org.br/biblioteca/files/Cad.Prof-4-Historia.pdf> > Acesso em 04 de outubro de 2015.
- VEIGA, José Eli; EHLERS, Eduardo. **Diversidade biológica e dinamismo econômico no meio rural**. In: MAY, Peter H.; LUSTOSA, Maria Cecília; VINHA, Valéria. Economia do meio Ambiente: teoria e Prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- VICTORIA, Claudio Gomes da. **Mergulhando nos rios do cotidiano: escola e cultura na vida dos jovens de uma comunidade ribeirinha no Amazonas**. Unicamp, 2012. Disponível em < <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-117.pdf> > Acesso em 29 de agosto de 2015.
- WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. Série: Amazônia: a terra e o homem.